A cultura e a história de um duplo golpe

Ivo Lucchesi

Introdução

A proposta desta reflexão tem como foco um olhar tanto retroativo quanto presente e prospectivo, a respeito do que provocou o golpe militar, em 1964, no curso da cultura. Que deformações a ditadura conseguiu implementar? Que inércia cultural produziu a retomada da democracia, desde 1985, a partir da Nova República? Por fim, a indagação a respeito do impacto gerado, na geração pós-golpe, pela acelerada oferta das novas "ferramentas comunicacionais", decorrentes do avanço tecnológico.

Assim, a presente escrita pretende demonstrar três etapas na linha do tempo de meio século: 1. *um olhar retroativo*: a cultura em estado de coma; 2) *um olhar presente:* a falência da cultura; 3. *um olhar prospectivo*: o perfil da nova geração. As duas primeiras dizem respeito a estratégias de uma política cruel (ditadura) e perversa (democracia). A terceira traduz a obsolescência da ação política, em favor da supremacia autônoma das novas tecnologias da informação, cujo efeito tem criado uma espécie de "poder paralelo", mediante a velocidade com a qual "redes sociais" se organizam e atuam, para bem e para mal...

Um olhar retroativo: a cultura em estado de coma

Inicialmente, cabe-me, em nome de isentar-me de repetições, relembrar que, nos idos de 2005, para essa mesma revista, escrevi um ensaio de 42 páginas sobre "Retorno à brasilidade: confissões e fissuras" (cf. bibliografia). Nele, propus uma análise conjuntural a respeito dos descaminhos e inoperâncias que, desde os tempos tortuosos da ditadura, em nada, adquirimos novo "oxigênio" para, em tempos de democracia, retomarmos a pujança cultural, travada em março de 1964 e abortada a partir de 1984, com a derrota, no Congresso, pelas "Diretas-já".

Com o intuito de ser o mais preciso possível, é prudente deixar claro que conceito de "cultura" guiará minhas reflexões. Cultura é o conjunto de uma práxis social na qual se agregam o pensar, o sentir e o agir. Daí resulta a construção de paradigmas a nortearem condutas e valores, aspirações e construções, escolhas e atos, tanto individuais quanto coletivos, além de minoritários e majoritários.

Saudosismo à parte, voltando no tempo, no limiar dos anos 1960, existia um país que pulsava tenazmente em todas as direções. Como legado de Getúlio Vargas, o Brasil iniciava passos firmes na direção da plena autonomia industrial: a fundação da Petrobrás, bem como na siderurgia (CSN). Mas, como o conceito de "cultura" engloba tudo de uma nação, outras áreas, igualmente, se mostravam prósperas e afirmativas. Nas artes: literatura (Carlos Drummond de Andrade, João Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Ferreira Gullar, Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Clarice Lispector, em seguida, os inovadores poetas concretistas – Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari).

Na música, o talento inventivo de João Gilberto e Tom Jobim, doando, ao mundo, um novo ritmo (bossa-nova). Na sequência, o Tropicalismo, na estética ousada de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Torquato Neto, Capinam... A revitalização do samba em Chico Buarque, Paulinho da Viola... Em outra direção, irrompia a Jovem Guarda, formando um arco de renovações diversificadas, produzindo verdadeiro rebuliço de energia, convergindo tudo para a celebração dos Festivais da Canção...

No cinema, a passagem do neo-realismo de Lima Barreto *(Os cangaceiros)*, de Anselmo Duarte *(O pagador de promessas)*, Nélson Pereira dos Santos *(Rio 40 graus)* para o salto criativo do "cinema-novo", na genialidade dos jovens Glauber Rocha *(Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em transe)*, Júlio Bressane (*O anjo nasceu* e *Matou a família e foi ao cinema)*, Rogério Sganzerla *(O bandido da luz vermelha)*, Joaquim Pedro de Andrade *(Macunaíma)*.

No teatro, além da grande escola (Teatro Nacional de Comédia), as impactantes montagens de José Celso Martinez Correa *(Roda viva* e *O rei da vela)*, "o teatro do oprimido", de Augusto Boal. Na arquitetura, o mundo aplaudia as ousadas formas curvas engendradas pelos pródigos cérebros de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. No esporte: futebol (bicampeão mundial), tênis, boxe, basquete, arrebatando títulos mundiais pioneiros... Na Física, despontava, mundialmente, o nome de Cesar Lattes, bem como na economia, a astúcia de Celso Furtado.

Todos os feitos somados entre si, com pequenos intervalos de datas entre uns e outros. Um verdadeiro amálgama de conquistas vigorosas, em menos de uma década... Este era o Brasil de então..., ou seja, uma nação rasgando as barreiras e abrindo o portal para um futuro próspero e afirmativo, apesar das botas que já marchavam para o movimento de "caça às bruxas"... A ditadura jogou "pesado". Além de prisões múltiplas, seguidas de torturas e mortes, o regime forçou inteligências a exilarem-se e outras a calarem-se... A propósito, vale lembrar que a "grande imprensa", até os atuais tempos, se refere à ditadura com a expressão "regime de exceção"... No mínimo, é engraçado... O jornalismo, também, sabe criar "ficção"...

A degradação da cultura em dois golpes

A imagem de um país que, por todos os poros, se anunciava vigoroso foi, estrategicamente, reduzido ao "reino da mediocridade". A questão é fácil de ser explicada. Há, no mundo, duas correntes cuja visão de macrorrealidade é antagônica. Um grupo entende que uma nação se fortalece, com base na sua economia; outro, minoritário, compreende que a origem dessa força provém do enraizamento e florescimento de sua cultura.

No primeiro, estão agrupadas as oligarquias que, na concentração da riqueza, expandem negócios para aumento dos lucros; no segundo, situam-se minorias intelectualizadas cujo investimento reside na proposição de utopias, a exemplo do que tem sido, ao longo da modernidade.

Na experiência brasileira, a ditadura fez o pacto com o modelo oligárquico, procurando exaurir quaisquer vozes de resistência. O regime implantado valeu-se de estratégias maquiavélicas cujos efeitos, até os atuais dias, são perceptíveis. É certo que, na ditadura chilena, 28 mil foram abatidos, entre mortos e desaparecidos. É correto que, na ditadura argentina, o número chegou aos 30 mil. Entre nós, o cálculo não completa quatro mil. Apesar da disparidade entre as ditaduras hispano-americanas e a brasileira, afirmo que

a mais cruel de todas foi a nossa. A razão é simples: nos países co-irmãos, o regime se apropriou de corpos; no Brasil, a ditadura se apossou, além dos corpos vitimados, de cérebros. Para tanto, diferentemente do procedimento das ditaduras vizinhas, o regime brasileiro, após quatro anos do AI-5, revirou, pelo avesso, o sistema educacional, quando o ministro Jarbas Passarinho assinou a Lei 5692/72.

O belo e eficiente projeto educacional, implementado por Anísio Teixeira, na era Vargas, foi destruído, dando lugar a um "monstro" que se tornou a usina da alienação. O epicentro da devastação foi o ensino secundário. Sim, realmente, os artífices do mal foram competentes, pois perceberam ser na fase da passagem, entre a adolescência e a juventude, que a consciência e o olhar para a realidade formam e firmam valores, condutas... Foram "cirúrgicos"... Deram o corte preciso e mataram o precioso, enquanto a classe média se distraía com benefícios materiais. Milhares de famílias alegres com o "milagre brasileiro", sem desconfiarem de estarem "vendendo" os cérebros de seus filhos... Chico Buarque, na sua refinada "leitura", sintetizou o quadro na composição *Vai passar:*

Vai passar
nessa avenida um samba popular
cada paralelepípedo
da velha cidade
essa noite vai se arrepiar
ao lembrar
que aqui passaram sambas imortais
que aqui sangraram pelos nossos pés
que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo
página infeliz da nossa história
passagem desbotada na memória
das nossas novas gerações

dormia
a nossa pátria mãe tão distraída
sem perceber que era subtraída
em tenebrosas transações

Seus filhos erravam cegos pelo continente
levavam pedras feito penitentes
erguendo estranhas catedrais
e um dia, afinal
tinham direito a uma alegria fugaz
uma ofegante epidemia
que se chamava carnaval
o carnaval, o carnaval
(vai passar)

Palmas pra ala dos barões famintos
o bloco dos napoleões retintos
e os pigmeus do bulevar
meu deus, vem olhar
vem ver de perto uma cidade a cantar
a evolução da liberdade
até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê
ai, que vida boa, olará
o estandarte do sanatório
geral vai passar
ai, que vida boa, olerê
ai, que vida boa, olará
o estandarte do sanatório geral
vai passar.

Sim, o olhar de Chico Buarque não requer lente de aumento. Não preciso parafrasear o que a letra, de modo perfeito, denuncia. O país foi transformado em "balcão de negócios" – um gigantesco cassino – e, para compensar, o olhar dos "distraídos", a oferta da velha fórmula romana: "pão e circo"... Convém lembrar que as furiosas ditaduras (chilena e argentina) perseguiram professores, escritores, intelectuais, mas não modificaram o sistema educacional. Dando um salto na história, fica evidente, nos atuais tempos, a diferença cultural entre jovens hispano-americanos e brasileiros... O turista brasileiro, ao circular pelas cidades de Santiago e Buenos Aires, percebe quanto e como estamos atrasados, principalmente quando se trava uma conversa... O fato serve para introduzir o segundo "golpe". Qual? Na política.

Além do já assinalado, no tocante ao sistema educacional, a ditadura brasileira sem, jamais, assumir-se como tal, promoveu outra maquiagem. Enquanto no Chile e na Argentina, os parlamentos foram desativados, no Brasil, extirpados os indesejáveis, foram mantidas as duas casas, criando, no melhor estilo "napoleônico", duas agremiações: ARENA e MDB. Assim, aos olhos da ingenuidade, uma ditadura se travestia em democracia, com direito a elegermos nossos candidatos, exceto para cargos majoritários. Nesse aspecto, mesmo os "resistentes opositores" (MDB), prestaram um desserviço à nação. Que real oposição podiam realizar, ante um regime que perseguia, prendia, torturava e matava? Jogo de cena... Cada qual pensava em sua "carreira política"...

O resultado foi um país destruído na Educação e corrompido na Política. Não há sociedade capaz de imunizar-se contra dois vírus de alto poder destrutivo. A farsa, na política, teve o desfecho em grande estilo: 1. no abortamento das "diretas-já" (abril de 1984); 2. no processo final de votação para a presidência, com a união entre Tancredo Neves e José Sarney. Nessa época, o regime da "abertura" já havia permitido a formação de novos partidos, além da volta de exilados, como Leonel Brizola. Não bastasse, a canetada de Petrônio Portella e o General Golbery do Couto e Silva autorizaram o surgimento do Partido dos Trabalhadores. Outra "jogada" de mestre: as oposições se esfrangalharam...

A história oficial dá conta de que os militares só aceitavam um nome civil, nas oposições: Tancredo Neves. A mesma história oficial narra que, na véspera da posse, Tancredo, acometido de uma crise de diverticulite, foi internado no Hospital de Base, em Brasília. De lá saiu para o túmulo e quem assumiu foi o ex-presidente da ARENA e, em seguida, do PDS: José Sarney. Plano perfeito para os militares. Todavia, há uma outra história (não-oficial, porém não menos verdadeira): Tancredo já era portador de câncer e os militares tinham ciência disso, razão pela qual armaram uma disputa interna no PDS, entre Sarney e Maluf. Dela, proveio a vitória do preferido pelos militares (era mais confiável): José Sarney. Com receio de perder, no Congresso, como líder do partido que dava sustentação ao regime, Sarney migrou para o PMDB. As lideranças do maior partido de "oposição", simplesmente, aceitaram o ingresso, "numa tenebrosa transação", a exemplo do verso de Chico Buarque. Essa é a história de uma "nação subtraída"... Sem educação e sem ética política, o país foi sendo arrastado para o infortúnio progressivo...

Um olhar presente: a falência da cultura

A digressão retroativa serviu para visualizarmos o cenário atual. A história de qualquer nação se constrói por soma de acontecimentos no tempo. Deste modo, hoje, somos pelo que já fomos... Não há cortes. A história não se conta por critério temporal divisionista: antes e depois. Ao contrário, história é uma narrativa de simultaneidades e sucessões, com base em causas e consequências. Há diferenças profundas, na atualidade, entre o tempo da ditadura e o da democracia? Sim, e muitas. Isto, contudo, não significa usar valoração "pior" x "melhor". São mutações, no tempo e no espaço. Não há heróis; não há mártires.

Que heróis históricos, efetivamente, cultuamos? Nenhum. Que mártires, verdadeiramente, exaltamos? Nenhum. O que, realmente, existe? Algozes... Mesmo quanto a esses, contra quais nos manifestamos? Nenhum... O conceito de "império do efêmero" (Gilles Lipovetsky), talvez, seja o que melhor se aplica ao imaginário brasileiro.

Ao pensarmos o conceito de cultura, nos termos definidos na introdução, de imediato, uma perturbação se instala quanto reconhecermos o que somos, culturalmente, na presente realidade brasileira, bem como sua projeção para o olhar do mundo restante... O que, de modo afirmativo e consistente, temos a exibir para fora de nós? Sinceramente, olho e nada vejo... Equívoco de percepção? Acho que não... É vazio mesmo... Vivemos numa nação oca...

Cultura? Qual? Na música: forró, funk, pagode? No cinema: filmes que reproduzem o cotidiano já sabido? No teatro, pecinhas com atores de televisão? Na literatura, o que de inovador surgiu, para além dos consagrados e já falecidos? Na televisão? Que programa de vanguarda surgiu? Estamos mergulhados na profundeza de um oceano, sem forças respiratórias para voltarmos à superfície. Cultura, nesse país, tornou-se sinônimo de "promoção de eventos" e "patrocínios": outro balcão de negócios para entretenimento. Arte? Nada. Existem talentos? Sim. Todavia, a eles, não se dá visibilidade. Exibição, no Brasil ("brasa pequena"), é para quem rende lucros imediatos.

A lógica perversa da quantidade zerou a exaltação da qualidade. Vivemos num país esquizoide. O que significa MEC? Ministério da Educação e Cultura. Pois é, mas, há décadas, foi criado o MinC (Ministério da Cultura). Para todos os efeitos, a sigla MEC permanece. Ou seja, temos, atualmente, dois ministérios que, em comum, abrigam a palavra "cultura". A resultante é a que conhecemos. Cultura, mesmo? Nada... O mercado feroz lança "produtos" descartáveis: sucessos de temporada para alegrarem a "galera" de jovens entor-

pecidos por devaneios e muita bebida... Como arremate, a mídia, em parceria com governos, eleva, ao máximo, a temperatura de um "espírito esportivo", em quantas modalidades for possível angariar adeptos e audiências. Este é o retrato, sem maquiagem, sem ilusões... Tratemos, agora, do adiante...

Um olhar prospectivo: o perfil da nova geração

Diferentemente de outras épocas, o século XXI abre um novo portal na história da humanidade. Antes, porém, de nomear que novo portal é esse, é indispensável ir-se às origens. Do Egito antigo até fins da Idade Média, predominou a relação entre poder e riqueza. Na modernidade, outra parceria foi estabelecida: poder e capital. Em comum aos dois tempos, há o fato de riqueza e capital terem sido os protagonistas pela expansão do conhecimento, condição da qual sempre se serviram as estruturas de poder, conforme, há muito, Michel Foucault sinalizou, principalmente em três obras: *As palavras e as coisas, Em defesa da sociedade* e na coletânea de ensaios que resultou na edição brasileira, com o título *Microfísica do poder.*

O parágrafo anterior teve a finalidade de pontuar breve mapeamento, no tocante a como, ao longo do percurso histórico, o conhecimento foi alvo de subordinação a uma forma de poder cujo exercício se pautou pela junção de três aspectos: vontade + interesse + necessidade, ou seja: a *vontade* egóica, por vezes tirânica, do soberano; o *interesse*, ditado por razões estratégicas e, por fim, a *necessidade*, orientada por projeto de expansão e desenvolvimento. Nesse modelo, o *conhecimento* atuou como alavanca de consolidação afirmativa dos impérios e, adiante, das nações.

Diante do exposto, eis que se faz necessária a retomada da frase inaugural desta escrita. Afinal, que portal novo oferece o século XXI? O *conhecimento* é (e será) a "ferramenta" insubstituível para a geração de mais riqueza e de lucro. O princípio tanto é válido para a preservação da vida produtiva das empresas (em quaisquer ramos) quanto para a afirmação da vida ativa das pessoas.

No novo cenário da economia mundial, arrefece a competitividade. Quem, nele, quiser sobreviver terá de, progressivamente, investir na atualização do conhecimento. As empresas dependem, cada vez mais, de ofertas de produtos diferenciados que atendam expectativas de consumidores. Os profissionais, por sua vez, encontrarão crescentes graus de exigência; portanto, quem não se aprimorar intelectualmente encontrará menos possibilidades de atuarem nas áreas de suas escolhas. A fórmula é

cruel e impiedosa. As empresas que, permanentemente, não investirem em pesquisa amargarão pequena sobrevida até a falência, bem como os profissionais acomodados e preguiçosos serão banidos do mercado de trabalho para o qual se destinaram.

O perfil da geração pós-golpes

A abordagem proposta no tópico anterior é o gancho para o foco real do presente tema: de um lado, o que está posto, como exigência, para a atual geração; de outro, como esta se vem comportando. Que perfil majoritário a juventude tem adotado? Jovens, ao redor dos 20 anos, já nasceram cercados e contemplados por telas com intensa oferta de informação, *games*, ferramentas comunicacionais e interativas de toda ordem. É uma geração herdeira da tecnologia, para bem e para mal. Paradoxalmente, em relação a um painel de tantas disponibilidades, o que se constata na experiência universitária (incluindo o quadro dominante no ensino médio), é uma tendência à passividade, revelando estado de alheamento, independentemente do grau de provocações ofertado. Na contrapartida, percebe-se uma espécie de culto exacerbado à alegria, descontração, próprio de quem vê o mundo como imensa usina geradora de euforia... Arriscando um trocadilho, "euforia" pode sugerir fonética e graficamente a expressão *eu-fora*, isto é, uma subjetividade esgarçada, estilhaçada que, julgando-se inserida, com o aval das redes sociais e outros suportes tecnológicos interativos, não se dá conta de estar na periferia dos reais e graves acontecimentos que, verdadeiramente, movem o mundo.

A geração século XXI parece, ainda, não haver percebido os sinais do futuro: são duas paisagens paralelas e, absolutamente, conflitivas. Uma oferece horizonte sombrio, repleto de espessas nuvens, a indicarem intensas e tensas "tempestades" de toda ordem; outra exibe horizonte densamente iluminado e resplandecente a prometer dadivosas descobertas e imprevisíveis invenções. Ciência e tecnologia, alimentadas por contínua expansão do conhecimento, tornarão os avanços e as conquistas aferidos entre os séculos XVIII e XX algo ultrapassado e primário. Inteligência e imaginação haverão de transformar, radicalmente, o modo como, no presente, vivemos, a exemplo de práticas, hoje, banais e, ao mesmo tempo, inimagináveis nos anos 80 do século XX.

É exatamente por acreditar em altos saltos qualitativos a serem doados pelo futuro que se impõe, desde já, armazenamento de saber qualificado a fim de a atual juventude poder encontrar lugar seguro no devir. O dado preocupante decorre de um apego inconsequente que o jovem de hoje dedica ao presente

fluido, ignorando as lições legadas pelo passado e negando um olhar prospectivo para os acenos do futuro. O jovem desta geração está mergulhado no devaneio do que Debord classificou de "presente contínuo". Neste ponto, cabe tentar um diagnóstico, de modo a compreender-se o que está ocorrendo na subjetividade do jovem.

Os impactos subjetivos da era digital

A nova geração já nasceu rodeada por um real virtualizado. Obviamente, essa nova condição haveria de trazer inevitáveis mutações. Boas? Sim... Más? Sim... Não há benefícios dos quais, também, não se aproprie o mal; portanto, não será um recorte com base na moral maniqueísta que tornará a reflexão criticamente rentável. Ao contrário, a era digital impõe o olhar da relativização com o qual se contemple o leque de benefícios, bem como se identifique o elenco de malefícios. Para tanto, reproduzo uma fórmula já proposta em publicação anterior:

+I + D= -R + D: +D – D - L

A fórmula é de fácil equacionamento: vive-se a época da mais intensa circulação da informação, em parceria com imensa rede de *difusão*. Esta é a parceria dos benefícios. A questão são efeitos dela: tem-se constatado acentuada baixa de retenção, associada a elevada *dispersão*. Este é o malefício do qual provém a resultante: tendência à depressão, em aliança com a diminuição do *desejo*, bem como do enfraquecimento da *liberdade*. O diagnóstico é preocupante, em razão do quanto a cadeia de malefício afeta a relação entre a subjetividade e as situações geradas pela realidade. O jovem da era digital, por conta da dispersão perde a paciência exigida pela reflexão, substituindo-a pela excitação ansiosa. Não se contempla mais a vida: transita-se nela, freneticamente... As experiências prazerosas, bem como as sofridas não ficam retidas na memória o tempo necessário para delas extraírem-se ensinamentos. Assim, o prazer é rebaixado à condição de "satisfação" e a dor é reduzida a sofrimento. Nessa mutação negativa, a vida vai perdendo densidade, intensidade, aventura, tornando-se um "seguir vivendo" sem maiores encantos, sem maiores embates. O questionamento, prática indispensável à expansão do pensar, é substituído pela brevidade sedutora da informação. Para exigências maiores requeridas pela escola e, adiante, na universidade, a grande maioria dos estudantes recorre ao Google e, sem o menor pudor, entram em sites, recortam e colam... Quando flagrados pela fraude, reagem espantados, alegando que tal prática é "pesquisa"...

A realidade como maquiagem

O cenário desenhado no tópico anterior indica, com clareza, quanto o jovem da era digital e amante de telas que se somam a fones de ouvido, em quaisquer situações, preza e cultiva uma vida *fake*. Sim, o regime da falsificação é o seu paradigma. Os *games* suprem dilemas, adiam problemas, preenchem, enfim, o vazio. Ele teme o silêncio e rejeita o recolhimento, razão pela qual ele precisa tanto falar, se possível o tempo inteiro, seja na rede, nos bares, ou mesmo, durante as aulas. Do mesmo modo que a maquiagem cria outro rosto, assim, também, a realidade deve ser vista no recorte desejado, ou seja, aquilo que torne tudo suave, leve e prazeroso... Realidade e fantasia se mesclam, diluindo o sentido do "sacrifício", além de adiar, ao máximo, o ingresso na vida adulta.

O ser humano, desde os primórdios da civilização, é um apaixonado pela verdade. É por tanto desejo de tê-la que a cultura, na sua luta em dominar os mistérios da natureza, fez surgirem a religião, a filosofia e a ciência. Nos três campos, a verdade foi perseguida tenazmente e muitas revelações vieram à tona. Desde cedo, porém, também foi percebido que nem tudo de descoberto poderia ser revelado, pois, ao lado dos três campos, se somaram a política, a economia e, em território marginal, a arte, sempre temida e, por isso, vigiada.

Do conceito grego de verdade *(alethéia)* ao conceito romano de *veritas*, deu-se acentuada mutação semântica e prática. Enquanto os gregos entendiam a verdade como "estado de sinceridade", aberta, portanto, ao autoengano, os romanos associaram a verdade ao "estado de convencimento", com base na eficácia argumentativa, ou seja, houve radical redefinição. O que era, para os gregos, patrimônio da subjetividade, para os romanos, se tornou apropriação do poder. Assim, o Ocidente tem construído sua história.

Em tempos de controle

O conhecimento se expandiu de tal ordem, bem como menor não foi o crescimento demográfico, que a verdade, progressivamente, foi sendo desgarrada da superfície para ser alocada em áreas restritas. Vale recordar uma afirmação de Umberto Eco, extraída da obra *Interpretação e história*: "O conhecimento secreto é o conhecimento profundo (...). Assim, a verdade passa a identificar-se com o que não é dito ou com o que é dito de forma obscura e deve ser compreendido além ou sob a superfície de um texto".

Sim, Umberto Eco está corretíssimo na sua sentença: a verdade migrou para a instância do "sigilo" que, curiosamente, é uma palavra derivada do mesmo radical de "signo", além de formar "sigla". O sigilo tem de ser descoberto e a sigla requer decifração. Consequentemente, a verdade é propriedade da "interpretação". É nesse novo quadro, intensificado ao longo da modernidade, que chegamos à sociedade da informação e, nela, os meios de comunicação de massa. A estes, coube a missão da triagem e da filtragem, além, é claro, do controle da codificação e de mensagens cifradas.

O perfil, aqui traçado, não deixa dúvida quanto ao fato de que um jovem de 20 e poucos anos, sob o ângulo emocional, se comporta como adolescente. Mesmo correndo o risco de ser contestado por especialistas, ouso afirmar que o crescente consumo de drogas e ingestão de bebida alcoólica por adolescentes e jovens, nas últimas décadas, se origina no modelo cultural implantado. A realidade é vista, pelos jovens, como maquiagem, por haver, do outro lado, aqueles que criam a "maquiagem".

A "Indústria Cultural", conceito proposto por Adorno, ao refutar a expressão "cultura de massa", evoluiu para imensa e sofisticada "usina de cosméticos". A "maquiagem" construída é perfeita: ela se presta tanto para exibir eventos espetacularizados quanto o "teatro dos horrores", sob a forma de atentados, catástrofes arquitetadas pela natureza, atos isolados de psicopatas etc... Como a codificação tem os ingredientes da maquiagem, tudo é filtrado de modo a ficar na superfície, na mera aparência que, dias após, se dissipa... A dissipação deriva da rápida oferta midiática de novos "acontecimentos impactantes". É dessa "sintaxe da substituição" que decorre, no jovem receptor, o processo de "apagamento" do impacto anterior. Este é o fator responsável pela morte da memória, objeto do tópico seguinte.

A morte da memória: outras máquinas, novas mentes

Neste tópico, reside o ponto central no itinerário desta reflexão. Em nenhum estágio da civilização, registra-se impacto maior ou igual ao que foi promovido no curso da modernidade. Do século XV ao XX, vale dizer: da Era Gutenberg (1468) à Era Digital, houve mutações, em todos os aspectos da vida, patrocinados pela parceria entre a "velocidade" e a "aceleração". Algo que o teórico Paul Virilio já caracterizou como "cultura dromológica".

É mais que sabido quanto a prensa, invenção de Gutenberg, libertou a informação da clausura propiciada pelas muralhas que, durante a Idade Média,

serviram de proteção e resguardo. A consequência primeira da prensa foi a proliferação de bibliotecas que, em pouco tempo, surgiram na Europa.

É fascinante acompanhar as conquistas oriundas da inteligência, bem como a capacidade mutante que as invenções têm sobre a vida cotidiana. Gutenberg, com a prensa; Thomas Edson, com a lâmpada; Joseph Nicéphore Niépce, com a fotografia; Graham Bell, com o telefone; a invenção do gramofone, pelo alemão Emil Berliner; os irmãos Lumière, com o cinema; Marconi, com o rádio; John Baird, com a televisão... Trata-se de uma sequência das mais revolucionárias, sobretudo no que envolve a comunicação, sem ignorar as benéficas e maléficas resultantes na subjetividade dos receptores.

Quando, ingenuamente, pensávamos o domínio da plenitude, eis que uma nova Era se avizinhava: um longo tempo de reinado do sistema analógico seria, rapidamente, substituído pelo sistema digital, graças à criação do modelo RSS por Aaron Swartz, implodindo com o já familiar paradigma de televisão, toca-disco, videocassete, telefonia fixa... Daí, advieram CD, DVD etc. Ao sistema analógico de base linear, sucedeu o sistema digital não-linear. Com isso, o sentido de narrativa contínua foi rompido.

Claro, não se pode ignorar a "máquina de Turing", nos anos 40 do século XX, prenunciando o que, adiante, viria sob a forma de PCs e internet, com oferta de sites em profusão, para todos os gostos, em âmbito mundial. A vida, virtualizada em rede, portanto, logo seria transformada em realidade vivencial a distância (RVD).

Para compreensão das mutações

Há muito, um tema me ocupa e preocupa-me: a sedimentação de um modelo cultural sob cujo manto "protetor" uma geração tanto tem encontrado abrigo quanto alimento. Dúvida, não a tenho, quanto a quem são os agentes promotores: de um lado, a mídia (impressa e eletrônica) como propagadora e vitrine desse paradigma cultural; de outro, as incessantes ofertas de "ferramentas comunicacionais", oriundas das mais novas tecnologias da informação. Que aspectos, portanto, esse modelo contém?

Antes, porém, de propor uma diagnose atual, cabe uma questão preliminar, no tocante ao significado de ser jovem, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, passados os horrores das duas guerras mundiais. "Beat generation", nos EUA, existencialistas se espalhando pela Europa, rock, maior liberação nos costumes... rebeliões estudantis... Enfim, uma gama infinda de

experiências inovadoras... Ser jovem é ter a clareza de tratar-se de uma fase curta da vida na qual o elenco de descobertas é maior que o leque de obrigações e compromissos. É esse quadro que, em tempos atuais, não se manifesta.

O mundo existe para ser descoberto; a vida existe para ser questionada e interpretada. Nos dois artigos anteriores, preocupei-me em eleger, como alvo, as mutações propiciadas pelas novas tecnologias da informação, sobretudo na vida de uma geração que, ao nascer, já as encontrou disponíveis, além do impacto, por elas gerado, na geração anterior, tendo esta de assimilar o novo, sob pena de ficar à margem.

As manifestações que se fazem presentes nas mais importantes capitais do país requerem um olhar atento, seja quanto ao teor dos protestos; seja no tocante ao modo de como elas se articulam. Para os dois aspectos, algo os une: a parceria entre jovens e redes sociais. Sim, se muitos jovens perdem tempo precioso de suas vidas pela sedução irresistível ao consumo de telas das quais nada extraem de produtivo, não é menos verdade que outros tantos usam e percebem o potencial ofertado pelas "ferramentas comunicacionais".

Quem se dispuser a compreender os recentes acontecimentos não pode fazê-lo com olhar ingênuo. Menos ainda, procurar suporte teórico na lógica binária, herdeira direta da razão dogmática. Os protestos são legítimos e justos. Milhares de jovens que, supostamente, estavam entregues à inércia contemplativa, na verdade, se encontravam em estado de vigília, até transformarem em atos públicos o que, durante anos, armazenaram em silêncio.

Alguns dirão: "Isso é estratégia de desestabilização política". "É arregimentação sob articulação da extrema-direita". Ok! Manifestação de protesto, em qualquer parte do mundo, tem infiltrações e manipulações. Michel Foucault, há muito tempo, observou que os poderes atuam em rede. Outro teórico, Pierre Bourdieu, igualmente, registrou que, em rede, também se articulam os contrapoderes. Não há, portanto, "lugar" para reducionismo. A classe política, a mídia, a segurança pública e os intelectuais dão sinais de não entenderem o que está acontecendo. Na falta de uma percepção mais apurada, partem para a simplificação.

Um jovem universitário, estudante de Letras, Francisco Felipe de Paula Neto, postou no Facebook: "Então o facebook se tornou a 'Ágora' contemporânea?". Bela provocação ao pensamento. O estudante promoveu rico *link* histórico, ao agregar temporalidades tão díspares entre si e, ao mesmo tempo, tão próximas quanto ao fundamento.

Sim, as redes sociais virtuais, também, estão servindo para a reativação de um certo "assembleísmo", a exemplo do que, por pouco tempo – é verdade –,

chegou a existir na democracia ateniense. O tema é interessante e, por isso, tem sido objeto de reflexão entre diversos teóricos, a exemplo de Manuel Castells *(Internet e sociedade em rede)*, Franco Berardi *(O futuro da tecnosfera de rede)*, Mark Poster *(Cidadania, mídia digital e globalização)*, Michael Hardt *(Movimentos em rede, soberania nacional e globalização alternativa)*, dentre outros...

Não haverá de ser por conta de atos de destruição (encomendados, ou não) que jovens antenados abdicarão de ideais. A questão é saber por quanto tempo, nos corações e mentes deles, permanecerá a chama pela transformação... Uma coisa é certa: "outras máquinas" estão atiçando "novas mentes"...

Da alegria à euforia

Se, por um lado, permanece o grau de liberdade maior que o de obrigações; por outro, constata-se a abertura da liberdade cada vez mais impregnada pela "padronização" de um modelo midiático, reforçado por apelos tecnológicos. O efeito, na vida de milhares de jovens, é a construção de um olhar estreito, pouco indagativo. Daí deriva a necessidade de injetar, na vida, um *plus*, como forma de recusa à mesmice e à reprodução... O modelo atual não oferece alegria. Ele incita excitação e euforia. Sem perceber, o jovem, refém do padrão instituído, promove uma "troca impossível", para usar um conceito de Jean Baudrillard, em um de seus livros com igual título. Aliás, é dessa obra que extraio uma frase: "O real não tem mais força de signo e o signo não tem mais força de sentido" (2002: 11). É nessa vivência de esvaziamento utópico (a falta de signo) e vacuidade subjetiva (ausência de sentido) que o jovem sai em busca de "tela quente", de efeitos especiais, de extravagâncias exacerbadas, para além do limite da sensatez...

É na febre desenfreada por emoções, diferentes da repetição, que ocorrem tragédias (individuais e/ou coletivas). Sim, não se troca, impunemente, a alegria pela euforia. A primeira é produtiva e fixa-se na memória; a segunda é corrosiva e esvai-se... A alegria, se vivida em plenitude, se torna perene; já o estado de euforia é movido por uma fome voraz e feroz até a indigestão...

O que, então, aqui, ponho em questão é o modo como têm atuado os meios de comunicação, quanto ao que exibem e "vendem" como "divino" e "maravilhoso"... Os agentes da difusão faturam duplamente: seja quando expõem seus produtos; seja quando centenas de jovens encontram a desgraça criada pela efusividade midiática. Ainda, sob o respaldo do pensamento

de Jean Baudrillard, arrisco afirmar que na cultura da "troca possível", a realidade tinha o contraponto da fantasia, gerando uma tensão vigorosa. No mundo da "troca impossível", há a convergência do real com o virtual: o real como simulacro e o virtual como simulação; portanto, não há troca possível entre o vazio e o vazio...

Sim, uma "euforia tsunâmica", há muito, encontrou terreno fértil, entre nós... Ela, ainda, haverá de produzir consequências catastróficas: o esporte, até 2016, tem uma agenda pródiga. Nela, há os que, fartamente, faturarão; outros amargarão perdas irreparáveis... Bem, como encerramento, "saudemos" o "novo" presidente do egrégio Congresso Nacional... Com todos os antecedentes, creio estarmos bem "representados"... É mais uma bela lição de "ética" ensinada aos jovens desse país... À beira do desfecho, recorro a outra afirmação de J. Baudrillard: "A maioria esta condenada a uma vida de comoção patética" (2002: 137). A "euforia tsunâmica", também, passa por Brasília... Não, é? ...

Hoje, com tantas ofertas fomentadas pela tecnologia, é um novo mundo. Ao longo da modernidade, reinou a parceria entre o humano e a técnica, o que muito fez expandir tanto a criação, no campo da arte quanto a invenção, no campo da ciência. No tempo da hipermodernidade, porém, (Era Digital), a primazia é da ciência e tecnologia e, nesse novo paradigma, a criação cedeu o posto à invenção. A troca supõe uma indagação de ordem semântica: qual a diferença entre "criação" e "invenção"? Na primeira, está o radical formador do verbo "criar" do qual se origina "criatura"; na segunda, está o radical que forma "ventar" e o derivado "inventar"; portanto, criação está para a arte, assim como a invenção está para a ciência. A arte é produto da "criatura"; a ciência é resultado de um inventor que vai "para dentro do vento". Este é o significado etimológico de "inventar": vento é transformação e natureza. O vento traz o que não havia e leva o que existia. Assim, enquanto a arte se ocupa da existência, a exemplo da filosofia (ambas no âmbito da cultura), a ciência lida com o desvendamento dos fenômenos presentes na natureza da qual, também, faz parte a vida em geral, porém, como integrante da natureza, razão por que há a expressão "natureza humana".

A sofisticação e o rebaixamento

A digressão em torno dos significados etimológicos teve o propósito de trazer à tona a questão-chave: a fantástica evolução da ciência e da tecnologia, na contramão da acentuada regressão (ou involução) da arte. O vigor da criação não tem sabido acompanhar o ritmo acelerado do rigor da invenção. Na era

da robótica, da cibernética e da nanotecnologia, surgem, progressivamente, "máquinas inteligentes". O mesmo, porém, não se constata na arte. Há décadas, tem-se a impressão de que a arte chegou ao limite do esgotamento. O que a nova geração faz em literatura, cinema, teatro, música, artes plásticas é, no mínimo, sofrível para não classificar de deplorável. A sofisticação e o aperfeiçoamento, presentes na ciência e na tecnologia, correspondem, na arte, ao rebaixamento e à estagnação. O mundo objetivo e prático parece haver emudecido o mundo subjetivo e dilemático. Perdeu-se o sentido de existência, em favor da afirmação do que Guy Debord, em 1987, chamou de "presente contínuo".

A nova geração, municiada de todas as "ferramentas comunicacionais" oferecidas pela era digital, lhes devota quase tempo integral. Num primeiro estágio, com o advento da "vida em rede", foi estilhaçada a fronteira entre o "público" e o "privado". Num segundo momento, evidenciam-se os efeitos provocados pelo anterior: operou-se uma inversão. Basta que observemos o comportamento da nova geração: no espaço que seria da ordem do "privado", tudo se torna "público"; no espaço, antes público, agora, se torna privado.

Para a ideia ficar clara, ofereço os exemplos seguintes: 1. as pessoas se expõem e exibem-se nas redes sociais, sem o menor pudor ou constrangimento, como se estivessem compartilhando uma cena íntima, ou seja, tornando público o que seria privado; 2. essas mesmas pessoas, quando se encontram em espaços públicos (pátio de universidade, restaurante, praça etc.), isolam-se plugadas com fios nos ouvidos, como se estivessem sozinhas ou recolhidas na própria casa, ou seja, ignoram o ato público. O mesmo ocorre quando, em ambientes coletivos, pessoas, aos celulares, falam alto, choram, gritam, sem atentarem a outros que as rodeiam.

Às situações descritas, é perfeita a classificação de "esquizofrênicos sociais", proposta por Ciro Marcondes Filho, no belo livro *A produção social da loucura* (2003). É da referida obra que extraio as citações seguintes nas quais, ainda na apresentação do livro, o autor sentencia, de modo preciso e, criticamente, conciso:

> À loucura, ao ritmo frenético da produção, corresponde um novo homem, absolutamente dissociado, racional, isolado do ambiente social, frio, com uma tenacidade cega e preocupante e que busca permanentemente recompor o contato com o social, mas por meios ilusórios ou literalmente delirantes (máquinas, vídeos, jogos eletrônicos, consumo, linguagem dissociada, etc.).

Páginas adiante, o teórico acentua um processo sistemicamente orquestrado pelo novo mundo das "máquinas", atingindo e transformando a mente de jovens, sobretudo quanto ao modo de pensar, sentir e agir: "O sistema de produção da loucura, reforçando esses estados patológicos latentes nas pessoas, torna-as aptas para entrar na máquina e operá-la, participando do teatro do mundo. O preço do ingresso é a saúde mental".

Trata-se de um novo perfil humano e social. Para esse, compromisso e comprometimento são atitudes fugazes, tragadas pela tentação do efêmero. Nada tem continuidade. É uma vida de golfadas, fluxos, irrealidades. Por isso, o autor usa a expressão "teatro do mundo". É uma vida de "encenações" nas quais o espaço público não passa de um "palco" e o coletivo se torna "plateia". Por fim, Ciro Marcondes Filho arremata:

> (...), pode-se supor que hoje, tendo a sociedade global assumido a função de educar em lugar dos pais, passa então ela a gerar esquizofrênicos sociais. O *lócus* de incubação da patologia explode as paredes do lar e instala-se na sociedade maior, produzindo nosso novo homem da era pós-industrial.

O problema adquire contornos dramáticos, pois a escola e as novas mídias montaram um complô contra o processo de amadurecimento, gerando jovens com mentes infantilizadas e rejeitando o olhar crítico. O que, em outra época, era considerado padrão de anormalidade, no atual contexto se afirma como paradigma de normalidade. Assim, jovens, entre 20 e 30 anos, se portam e vestem-se como adolescentes. É a proliferação da síndrome de Peter Pan...

Conclusão

Enfim, o quadro foi desenhado. O palco está exposto para a peça que, há meio século, foi escrita e, logo, encenada. O resultado é o que se apresenta aos nossos olhares, ou seja, nada além de uma maquiagem do mundo, revestida pelo manto da morte da memória. Não há o que lamentar. A questão é outra. Vamos continuar no balanço de uma "alegria falsificada"? De uma "leveza cega"? Ou "rasgamos" a fantasia para encararmos a real face do "monstro-sorriso-Brasil"? Cada qual entre no "restaurante" e peça o "prato preferido", mas, antes, pense bem no "estômago" que tem... A "digestão" poderá ser uma catástrofe intestinal e mental...

Referências bibliográficas

ABREU, Hugo. *Tempo de crise*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

ALONSO, Aristides. *A nova mente da máquina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2012.

BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DIEGUEZ, Gilda Korff. *Deus e o diabo na terra da carnavalização*. In: VÁRIOS. *Comum (14)*. Rio de Janeiro, OHAEC / FACHA, 2000, p. 141-159.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. António Ramos Rosa: Lisboa: Portugália [s.d.] (Col. Problemas, 23).

_____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FURTADO, Celso. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Trad. Maria Lucia Machado: São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GÓES, Walder de. e CAMARGO, Aspásia. *O drama da sucessão e a crise do regime*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

GOMES, Wilson. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

HUGHES, Robert. *Cultura da reclamação: o desgaste americano*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LUCCHESI, Ivo. Política e cultura nos trópicos: a questão da brasilidade entre a erosfobia e a tanatocracia. In: VÁRIOS. *Cadernos Facha (4)*. Rio de Janeiro: OHAEC, 1996, p. 18-37.

_____. Retorno à brasilidade: confissões e fissuras. *Revista Comum Facha* (24). Rio de Janeiro: OHAEC, 2005, p. 97-139.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A produção social da loucura*. São Paulo: Paulus, 2003.

REHDER, Paulo. *Sucessão em tempo de ditadura*. Rio de Janeiro: SIM Comunicação: Europa, 1990.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.
ZIZEK, Slavoj. *Em defesa das causas perdidas*. Trad. Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

Artigo
LUCCHESI, Ivo. *Outras mentes e novas máquinas*. Série de quatro artigos publicados no Observatório da Imprensa (on line- www.observatoriodaimprensa.com.br/), entre 26/03 e 05/11/2013.

Resumo

O presente artigo expõe um olhar crítico sobre a história de um país, ao longo de meio século.

Palavras-chave

Política – Educação - Cultura.

Abstract

The actual essay proposes a critical insight about Brazilian history, during the last half century.

Keywords

Politics – Education - Culture.